

**ACEITA QUE DÓI MENOS:
AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS PRESENTES NAS CENAS RUPESTRES
DO PNSC/PI – BRASIL**

Michel Justamand
Doutor em Ciências Sociais/Antropologia – PUC/SP
E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

Ana Cristina Alves Balbino
Doutora em História – PUC/SP
E-mail: balbinoana@yahoo.com.br

Gabriel Frechiani de Oliveira
Doutor em Arqueologia – UFS
E-mail: gfrechiani@hotmail.com

Marcial Cotes
Doutor em Educação Física – UFSC
E-mail: mcotes@uesc.br

Vitor José Rampaneli de Almeida
Doutorando em Planejamento e Gestão de Território – ABC/UFABC
E-mail: vitor.almeida@ufabc.edu.br

Leandro Paiva
Doutorando e Mestre em Antropologia Social – UFAM
E-mail: professorleandropaiva@gmail.com

Matteus Freitas de Oliveira
Mestre em Geografia – UFBA
E-mail: matteus.oliveira@ifba.edu.br

Antoniél dos Santos Gomes Filho
Mestre em Educação – UFC
E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

Vanessa da Silva Belamino
Mestranda em Arqueologia – UNIVASF
E-mail: vanessabela18@hotmail.com

Antoniél Neves Cruz
Especialista em Psicopedagogia e Neurociência – UNIP
E-mail: antonielnevescurz@gmail.com

Ana Caldeiras
Graduanda em História – UNIFESP
E-mail: ana.caldeiras@unifesp.br

Losa Pietra Nascimento
Graduanda em História da Arte – UFRJ
E-mail: lbreu1998@gmail.com

Mara Barreto Sinhosewawe Xavante
Graduanda em Jornalismo e Cosmetologia e Estética – UNISUL
E-mail: marabarretosinhosewawexante@gmail.com

RESUMO

O presente texto tem por objetivo demonstrar a presença de cenas rupestres que representam relações entre pessoas do mesmo sexo no Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC, localizado no estado do Piauí, Brasil. No parque, são encontrados alguns recortes temáticos recorrentes nas artes rupestres. Os mais habituais são as cenas de caça, coleta, afazeres domésticos, partos, lutas em duplas, conflitos, movimentações, fauna e flora. Além dessas, há os registros da sexualidade humana, e, no caso mais específico, as relações sociais e sexuais, onde podem ser entre sexos iguais e distintos. Em trabalhos de campo pretéritos, detectou-se esta temática rupestre com regularidade, sendo necessária a ampliação dos debates e interpretações em torno de tais cenas. Dentre os resultados obtidos, destaca-se que os grupos ancestrais ocupantes das terras brasileiras representavam estas relações sociais e sexuais, o que nos dá indícios para afirmar que as intimidades entre pessoas do mesmo sexo já são praticadas desde tempos remotos.

Palavras-chave: diversidade, sexualidade, ancestralidade, arte rupestre.

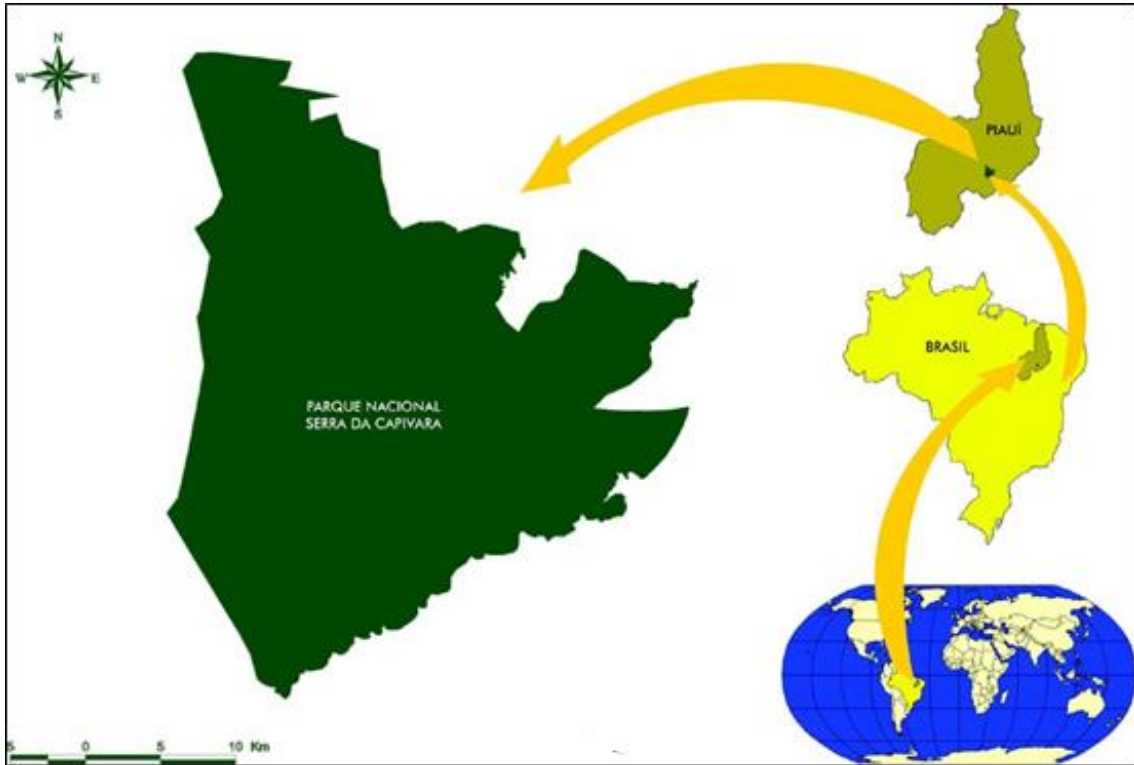
ABSTRACT

The present text aims to demonstrate the presence of rock scenes that represent relationships between people of the same sex in the Serra da Capivara National Park - PNSC, located in the state of Piauí, Brazil. In the park, there are some recurring themes in rock art. The most common are the scenes of hunting, gathering, household chores, childbirth, fights in pairs, conflicts, movements, fauna and flora. In addition to these, there are records of human sexuality, and, in the most specific case, social and sexual relationships, where they can be between equal and different sexes. In past fieldworks, this rock theme was regularly detected, making it necessary to expand the debates and interpretations around such scenes. Among the results obtained, it is highlighted that the ancestral groups occupying Brazilian lands represented these social and sexual relations, which gives us evidence to affirm that intimacies between people of the same sex have been practiced since ancient times.

Keywords: diversity, sexuality, ancestry, rock art.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, são revelados os registros rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), localizado no sudoeste do estado do Piauí, que retratam cenas de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo e de outras temáticas relevantes ao assunto. Para além da apresentação das cenas, realizou-se apreciações fundamentadas no referencial teórico das professoras Niède Guidon e Anne-Marie Pessis – bibliográfica, documental e imagético – associadas à pesquisa de campo nos sítios arqueológicos do PNSC (ver mapa 1).



Mapa 1. A localização do Parque Nacional Serra da Capivara.

Fonte: FUMDHAM. Disponível em: <<www.fumdam.org.br>>. Acesso: out, 2013.

O parque tem sido local de pesquisas e reflexões sobre a presença humana ancestral e suas produções sociais desde os anos de 1970. A primeira missão científica foi a Francesa, liderada à época por Niède Guidon, com adesão de outros investigadores (GUIDON, 1991). Na região, foram e continuam sendo realizados inúmeros trabalhos arqueológicos, paleontológicos, educacionais, ambientais, entre outros. Logo, compreende-se que esse espaço socioambiental ainda reserva descobertas para a ciência brasileira e mundial (JUSTAMAND, 2019).

Dada sua importância, seus impactos e subsídios à região (ALMEIDA e JUSTAMAND, 2021; ALMEIDA, JUSTAMAND e OLIVEIRA, 2021), o parque recebeu o reconhecimento da comunidade acadêmica graças às pesquisas arqueológicas, principalmente às pinturas de Artes Rupestres. Estas pesquisas acabaram por colaborar com a elevação do PNSC à categoria de Patrimônio Mundial da Humanidade e sua inclusão na lista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, culminando com o reconhecimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO em 1991 (PESSIS, 2003).

O PNSC e sua circunvizinhança são ricos em vestígios arqueológicos de todos os tipos. Já foram encontradas ossadas de grupos humanos remotos e de diversos animais da megafauna (QUEIROZ et al, 2020), produções de cerâmicas antiquíssimas e materiais líticos – pedras lascadas –, além de ter em seus limites monumentos geológicos e duas formações peculiares, a confluência de dois biomas com ocorrência de fauna e flora da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica (MARTINS, 2011). Ademais, as descobertas de materiais líticos no parque vêm sendo o motivo da maior disputa arqueológica dos últimos anos nas Américas, pois apontam para o povoamento em *terras brasilis* muito anterior ao que se poderia supor/imaginar em pesquisas anteriores (ETCHEVARNE, 1999-2000; ADOVASIO e PAGE, 2011).

O objeto deste texto não é arrazoar esta temática da ancestralidade da presença humana nas Américas neste momento. Independentemente das polêmicas dos materiais líticos encontrados, as pinturas rupestres são os vestígios que mais saltam aos olhos de qualquer visitante/turista/pesquisador, desavisado ou não que tem a oportunidade de conhecer PNSC (MELTZER, ADOVASIO e DILLEHAY 1996; JUSTAMAND, FUNARI e ALÁRCÓN-JIMÉNEZ, 2018).

Nesse texto, usaremos os sinais deixados nas rochas, especificamente as cenas de pinturas rupestres do PNSC. Estas imagens podem ser encontradas dentro e fora do parque, além de outras formas de arte rupestre – como as gravuras – que não serão alvo de apreciação no estudo hora em tela.

A ideia de conjecturar sobre a temática das inúmeras sexualidades apresentadas nas cenas rupestres surgiu durante expedição científica sucedida no parque, entre os dias 25 de janeiro e 02 de fevereiro de 2018. Nesta campanha de campo foi possível ter contato com inúmeras cenas rupestres, onde observou-se representações de caçadas, lutas, rituais religiosos, relações sociais e os mais variados tipos de intimidades sexuais (JUSTAMAND, 2019).

Durante a expedição, foram visitados 51 sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Estes locais foram selecionados previamente com o propósito de obter uma experiência interpretativa produtiva. A seleção objetivou reunir o maior número possível de cenas sexuais/sociais entre pessoas representadas do mesmo sexo (JUSTAMAND et al., 2019), que são pouco exploradas ou inéditas nas publicações acadêmicas (GOMES FILHO et al, 2018).

O ano anterior à ida ao parque foi marcado pela construção do projeto de pesquisa. Michel Justamand e Mário Filho, este último condutor de visitantes credenciado para atuar no parque, mantiveram contato permanente na busca de locais que pudessem contribuir à discussão proposta. Isso se tornou necessário ao considerar a dimensão do PNSC com seus 130 mil hectares de área, os acidentes geográficos e os perigos iminentes como animais selvagens, o trânsito de caçadores, entre outras adversidades. O planejamento, portanto, torna-se fundamental para a pesquisa arqueológica, visto que tempo é algo precioso. Outra questão importante consiste na logística imprescindível para que todos os envolvidos na empreitada pudessem estar juntos no parque durante o período pré-determinado da expedição. Dessa forma, para a investigação de campo foi imperioso organizar uma equipe que são as/os autoras/es deste texto, com acréscimo de alguns pesquisadores que contribuíram com a sua escrita.

Em seguida será explicitado a importância dos condutores de visitantes na realidade do PNSC, pois este profissional foi de suma importância ao êxito do trabalho de campo no levantamento de dados desta investigação, tendo em conta as dimensões do parque, os mais de 1.000 sítios arqueológicos com aproximadamente 30 mil artes e pinturas rupestres, reputado como o mais diversificado conjunto do mundo em região tropical, no qual há cerca de 100 sítios preparados à visitação e 16 adaptados com acesso para portadores de deficiência física (COTES et al., 2021). Mais adiante será abordada algumas perspectivas da corporeidade do ser humano, haja vista que as cenas rupestres remetem ao movimento. Além da redação de praxe do manuscrito que envolve as cenas de sexo, ao final do texto é apresentado um relato indígena. Uma contribuição importante e especial da visão de uma descendente dos povos originários do Brasil sobre as relações da sua cultura com a sexualidade, a ancestralidade, as pinturas rupestres e a vida. Deseja-se boa leitura a todas as pessoas que se aventurarem no prisma dos autores sobre as relações homoafetivas presentes nas cenas rupestres do PNSC.

2 O CONDUTOR DE VISITANTES EM ÁREAS PROTEGIDAS NO BRASIL

Pesquisas recentes apontam que a profissão de conduzir visitantes em Áreas Protegidas (AP) foi regularizada no Brasil pelo Ministério do Turismo

(BRASIL, 2014) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (2016), além de precisar ser executada por profissional cadastrado no órgão gestor e habilitado, notadamente, para este encargo (COTES et al., 2017; 2018; 2020; 2021). O condutor é visto como um “[...] profissional da área do turismo e auxiliador da sensibilização e conservação ambiental, capaz de conduzir visitantes em diversos atrativos (sítios) turísticos naturais de sua localidade de ação – protegidos ou não” (RIBAS; HICKENBICK, 2012, p. 147).

Os condutores que atuam no PNSC são moradores do seu entorno, atendendo desta forma aos preceitos do ecoturismo no país que “possui entre seus princípios a conservação ambiental aliada ao envolvimento das comunidades locais, devendo ser desenvolvido sob os princípios da sustentabilidade com base em referenciais teóricos e práticos, e no suporte legal” (BRASIL, 2010, p. 11). A capacitação dos condutores no PNSC vem sendo realizada, sistematicamente, com cursos de formação continuada desde 1993, onde uma das primícias adotadas pela gestão do parque é a contribuição dos pesquisadores que atuam na unidade na formação destes profissionais durante este processo formativo (COTES et al., 2021). Portanto, essa ocupação demanda “um repertório de conhecimentos educacionais e multidisciplinares sobre a fauna e flora, a geologia, a arqueologia, a megafauna, as pinturas rupestres e a história do homem americano” (COTES et al. 2018, p. 174), inclusive sua atuação exibe uma equivalência com a labuta docente com atributos didáticos-pedagógicos (COTES, ALVARENGA e NASCIMENTO, 2020). O que torna o PNSC na atualidade “referência nacional na gestão de AP e internacional nas questões culturais, históricas e do mundo natural (COTES et al., 2021, p. 200).

Diante destas habilidades e ciente do conhecimento formal, informal e não formal que estes profissionais detêm (COTES et al., 2017), o auxílio do condutor no projeto desenvolvido que originou esta investigação, teve sua importância reconhecida para que pudesse minimizar o esforço amostral na busca das cenas de arte rupestre interpretadas neste manuscrito.

No tópico seguinte discorreremos sobre a temática do movimento corporal do ser humano expressada nas cenas de pinturas rupestres encontradas no parque.

3 A CORPOREIDADE DO SER HUMANO

A premissa básica deste estudo são as cenas encontradas no PNSC que sugere retratar a sociologia do corpo, o que para Le Breton é “à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (2011, p.7). O autor entende que a história de vida é construída como pontos que se unem, ou como acredita Peter Jarvis (2013; 20150), às aprendizagens do ser humano perpassam por vivências outorgadas ao longo da vida, com significados distintos de estruturas contínuas que moldam a personalidade do personagem. Nesta linha da vida os olhos levam a tecer o quadro panorâmico, as narinas as representações olfativas, pela boca adentra a experimentação gustativa, e a tez ou o corpo, em sua totalidade, à percepção tangível, moldando a partir destas experiências a identidade do sujeito ou do grupo social.

São estes conjuntos de sensações que se pode perceber nas cenas rupestres presentes nos sítios do PNSC, que produz ao vidente a possibilidade de refletir sobre os significados daquele mundo distante, mas ao mesmo tempo palpável à nossa visão e envolto de imposições intuitivas para interpretá-las. Le Breton (2011) defende que é do corpo, ou da corporeidade, que surgem e se dispersam as significações que respaldam a realidade individual e do grupo social que este sujeito está inserido. Segundo o autor, é no corpo que o ser humano empodera a natureza da sua existência, na forma de um ator para ser compartilhado com os membros do seu tecido social.

Outrossim, é na corporeidade que este intérprete se permite existir a terceiros e são estas cenas que produzem ao receptor o sentido do estar vivo pelo movimento e os sentimentos nelas perpassados no “espaço social e cultural” (LE BRETON, 2011, p. 8). As artes rupestres expostas ao conjunto do seu núcleo social e de outros grupos, se tornam ininterruptas da condição humana e permitem a constituição pelas crianças e demais membros que visualizam uma coleção rica da corporeidade antropológica a partir da simbologia nela presente. Um *ethos* da vida cultural da sociedade que estimula a percepção e desejo de interpretar o movimento daquele corpo simbólico, uma comunicação entre o ator e o seu entorno experienciado (LE BRETON, 2011).

As cenas analisadas das relações entre pessoas de gênero diferentes, mesmo sexo e sujeitos e animais, ao serem interpretadas dentro da cultura ocidental trazem analogias a realidade atual, mas devem ser refletidas sem considerar o monopólio da verdade, pois este universo das classes imaginárias da textura histórica são categorias sociais e culturais nesta teia das relações em grupo, diferente da individualidade decor contemporânea.

Admitir esta realidade, e reconhecer as relações aqui interpretadas representadas nas pinturas rupestres, podem facilitar o entendimento das intimidades sexuais heterogêneas presentes na sociedade hodierna, e ainda reticentes em serem aceitas por uma parte considerável deste universo social da humanidade. Neste caso, acredita-se que ao aceitar, poderá doer menos.

Nas próximas linhas serão utilizadas outras artes rupestres, já interpretadas em outras regiões do planeta, como por exemplo, na Austrália, na Nova Caledônia, na Itália e na Rússia para fazer analogias com as cenas encontradas no PNSC.

4 REFLETINDO A PARTIR DE OUTROS LOCAIS DO MUNDO

De fato, é admirável que na arte ancestral as informações inscritas, especialmente em rochas, tratavam de mostrar o que os grupos humanos consideravam substancial em suas vidas (JUSTAMAND, OLIVEIRA e GOMES FILHO, 2020). Nessas artes, estavam contidas formas de reverência destes ancestrais aos poderes criativos da natureza, como sugere Eisler (1996), faziam isso por meio das imagens sexuais e/ou de nascimentos.

Por essa razão, talvez, as figuras com conotações voltadas para a sexualidade tinham um papel importante, uma vez que este aspecto da vida humana é fundamental à continuidade da espécie e atua como mediadora das relações sociais e individuais, como apontam Gontijo e Schaan (2017). Segundo estes autores, os últimos estudos sobre sexualidades e práticas sexuais, entre pessoas do mesmo sexo, ocorrem em escalas geográficas globais e perpassam a proporcionalidade de tempo que são observadas pelas lentes da história e arqueologia.

Pode-se refletir que o mesmo teria ocorrido com as cenas rupestres existentes no PNSC (JUSTAMAND et al, 2021b), como observado na figura 01,

o que corrobora a provocação feita por Gontijo e Schaan (2017), ao enfatizar a instabilidade da potência do discurso estável da matriz heterossexual, fundamentada no binarismo de gênero, contraposto pelos estudos de Butler (2008).



Figura 01 – Toca do Caldeirão dos Rodrigues. Cena da penetração com amamentação. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

A temática da sexualidade é muito recorrente em inúmeras formas de expressão artísticas e culturais da humanidade desde os tempos imemoriais. Como Eisler, Peter Stearns (2010) lembra que a arte primitiva tinha forte conteúdo sexual. Neste texto, os autores partilham às ideias de que a sexualidade do passado pode contribuir para entender e/ou explicar as ocorrências do presente (STEARNS, 2010), haja vista a quantidade de cenas voltadas às práticas sexuais encontradas no PNSC (ver figuras 02 e 03) (JUSTAMAND et al, 2021h). O que sugere a importância da temática dentro do universo simbólico dos grupos humanos pré-coloniais (JUSTAMAND e FUNARI, 2017).

O estudo e levantamento das possibilidades, além do binarismo estrutural, criam redes de atravessamentos sobre novas formas de olhar o passado. A contribuição a partir dos elementos culturais e artísticos do progresso reforçam que a diversidade sexual sempre esteve presente na humanidade, mas as concepções binárias e heteronormativas gerenciaram uma limitação ao acesso de inúmeros vestígios na dinâmica do remoto.

As diversas cenas encontradas no parque, sejam elas de ordem sexual ou não, nos apontam para a observação da corporeidade humana. Como abaliza Justamand (2011), a cultura visual é expressamente corporal, e pode ou não ser marcada pela sexualidade. E, neste caso, é importante para se pensar como nossos ancestrais se relacionavam socialmente. Como nos lembra o autor, em menção à Le Breton (2003), este corpo ancestral é construído, e, nas pesquisas sobre arte rupestre, pode-se apontar que este é reconstruído nas interpretações contemporâneas. Assim, compreende-se no estudo hora em tela que há uma questão latente. Afinal, como interpretar essas recorrências arqueológicas?

Le Breton (2011) chama nossa atenção sobre a complexidade da sociologia do corpo e o vasto campo pouco explorado a ser pesquisado, “[...] onde a inteligência e a imaginação sociológica do pesquisador podem se desenvolver (p. 36)”. É salutar acrescentar neste pensamento de Le Breton a importância de uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, visando o efetivo sucesso da empreitada sem esquecer da contribuição da antropologia. E, a partir desta característica que este texto foi produzido.



Figura 02 – Toca do Baixão do Perna IV. Cena de sexo grupal. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.



Figura 03 – Toca do Pinga do Boi I. Cena da representação da penetração de, supostamente, um homem com duas mulheres. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

A analogia direta não é uma resposta unilateral. É necessário observar as recorrências no registro rupestre, os vestígios arqueológicos diretos encontrados no local e tentar construir uma ponte entre presente e o passado. O filósofo Robin George Collingwood (1986) explicita a construção dessa conjectura do acontecido na tentativa de leitura do ocorrido. Collingwood (1986, p. 32) afirma que:

[...] se dois historiadores dessem separadamente uma resposta à pergunta “Que espécie de acontecimentos sucederam, ou podem ou devem suceder na história?”, as suas respostas seriam extremamente diferentes se um deles pensasse habitualmente num acontecimento como algo que levasse uma hora e o outro como algo que levasse anos; e um terceiro, que concebesse um acontecimento como levando para cima de 1.000 anos, daria por seu turno uma outra resposta diferente”.

Boas (2004), nos seus estudos, cita a importância dos processos adaptativos dos grupos humanos para solucionar problemas do seu cotidiano visando uma melhor integração ao meio ambiente. O autor afirma que as obras de arte aborígenes possuem um alto grau de habilidade técnica nos quais os elementos como simetria e ritmo são os principais critérios de análise dessas obras.

Dessa forma, em vez de pensar em tradições, subtradições e estilos como unidade cultural de apenas um determinado grupo cultural – como vinha sendo estudado por Guidon (1984) e Prous (1992) –, é interessante raciocinar as pinturas rupestres como opções artísticas e estratégia de um grupo cultural, no

qual adota um dado estilo em um local, sem necessariamente tornar-se um novo conjunto cultural, mas apenas por uma opção de escolha estética (JUSTAMAND, OLIVEIRA e GOMES FILHO, 2020).

Como na penetração anal masculina, verificada em uma cerâmica peruana datada de 600 anos depois da era cristã (TAYLOR, 1997), encontra-se algumas cenas similares entre as do PNSC localizado no Piauí (Ver figura 04).

Na figura 04, observa-se a estilização de dois antropomorfos com os membros superiores levantados, o primeiro (esquerda para a direita) tem sua forma voltada para frente de quem olha a pintura, podendo assim indicar artisticamente a noção de posicionamentos singular para criar dimensão e perspectiva, por consequência, o corpo primeiro está voltado à frente mostrando estar atrás do segundo. Os dois corpos possuem uma curvatura acima dos membros inferiores, o volume nessa área indicaria a parte sexual de toda a relação na imagem.



Figura 04 – Toca Boqueirão da Pedra Furada. Cena da penetração/relação sexual entre dois antropomorfos, prováveis representações de dois homens. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

O segundo antropomorfo possui uma linha em seu corpo que divide em duas partes a representação da coluna, e, os seus membros superiores estão levantados de maneira que estiliza o volume, que fica direcionado à direita, tal

como o primeiro. Na parte acima dos membros superiores do segundo corpo, logo abaixo da linha há uma forma oval preenchida, levemente vazada à esquerda do seu formato e na mesma direção da estilização do volume no primeiro antropomorfo.

A pessoa artista que pinta essa cena, possivelmente queria, por meio imagético, transmitir a inquietação dos corpos nas ações sexuais. Os braços levantados podem indicar uma movimentação destes corpos que ao serem materializados na pintura, configurariam a possibilidade de quem olha, conseguir visualizar a dinâmica das relações, dos movimentos e das inquietudes.

Encontram-se vestígios da temática sexual, na Austrália, na Nova Caledônia, na Itália (DUBAL, 2017) e na Rússia (MYKHAILOVA, 2017). A que tudo indica, era a condição *sinequa non* da nossa espécie, desde milhões de anos atrás, publicar e deixar marcas nas rochas para a eternidade das suas reflexões e ideias sobre a sexualidade, incluindo o parque do sudoeste piauiense (JUSTAMAND et al, 2021i). Desta maneira, se em muitas cenas como as de caça e rituais não se encontra evidências de marcações de ordem sexual nas pinturas sexuais, tais definições ficam evidentes como meio de comunicação destas relações, observando, deste modo, possíveis posições sociosexuais que são reverberações da organização sociais, culturais e comunitárias destes grupos humanos.

A sexualidade não está contida apenas nas relações entre os grupos humanos, mas o registro rupestre aponta a possibilidade de relações entre seres humanos e animais, a partir da observação de recorrências rupestres no PNSC (JUSTAMAND et al, 2021c). Até mesmo a construção sociocultural de formas conhecidas como biomorfos se veem representadas nas cenas rupestres (JUSTAMAND, QUEIROZ e OLIVEIRA, 2020). Destarte, o campo objetual da sexualidade transpassa as barreiras de gênero e espécie, demonstrando uma multiplicidade de relações, podendo transpassar o campo cultural, social, político ou econômico (JUSTAMAND et al, 2020c). O desenho rupestre, ilustrado na figura 05, é um exemplo, ao que tudo indica, de uma cena de zoofilia, e, é apenas uma dentre tantas outras similares encontradas no PNSC (JUSTAMAND et al, 2021d).



Figura 05 – Toca do Caldeirão dos Rodrigues. Cena da representação de dois homens com um animal. Na figura, fica aparente a plausível penetração de um homem em um animal. É possível observar ainda uma representação masculina segurando o falo de outro. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

Lins (2012) afirma, baseado em suas pesquisas, que entre os grupos de caçadores e coletores havia a exogamia, ou seja, eles copulavam com pessoas de fora do seu grupo, presumivelmente, por meio de festas e encontros periódicos entre eles. Não se pode deixar de mencionar que é possível verificar a presença dos caçadores nas pinturas rupestres do PNSC (JUSTAMAND et al, 2020b). Lins (2012) reitera que esses eventos proporcionavam uma série de situações, tais como as ampliações das redes políticas, econômicas e sociais, bem como contatos sociossexuais. Justamand (2010), fundamentado em suas pesquisas de campo, aponta que as representações de muitos antropomorfos juntos encontradas no PNSC, é possivelmente, “comemoração” de algo (ver figura 06).

Na figura 06, pode-se observar quatro cenas, um grupo de quatro antropomorfos variados em tamanhos e formas; dois antropomorfos em cena de penetração; dois animais e dois antropomorfos pequenos.



Figura 06 – Toca da Vereda do Juvenal. Cena de penetração com animais e outras pessoas perto. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

O aglomeramento parece estar em movimento e em grande dinâmica por conta da curvatura dos braços e abertura das pernas. Há um corpo maior no meio da assembleia, e, sua forma é preenchida com um traçado mais espesso que dos outros que estão ao redor, seus braços levantados delimitam o espaço que os demais não alcançam. As figuras próximas deste corpo maior estão dispostas abaixo dos membros superiores do antropomorfo central, mas há níveis diferentes pelo qual os próximos se encontram, e, talvez este posicionamento indique a distância de cada um.

Abaixo, mas podendo ser defronte ao grupo – este que visualiza a cena de penetração –, estão localizados os dois antropomorfos, o primeiro (esquerda para a direita) é menor do que o que vem em seguida e seus membros são menos curvados. O segundo está com os membros totalmente curvados ao chão e a coluna vertebral curvada para cima, possivelmente indica movimento, assim como o primeiro corpo que tem seus membros inferiores arqueados para trás, enquanto o resto do seu corpo segue numa curvatura inclinada ao segundo corpo.

Próximo aos animais há duas figuras em tamanho reduzido, provavelmente está estilização indique a distância de cada grupo no mesmo ambiente, “comemorando” junto aos demais.

No mundo ancestral indo-europeu-asiático, muitos artefatos atribuídos a representações de mulheres, esculpido em marfim ou em pedra, foram analisados dentro do nosso universo cultural simbólico ocidental. O desafio de

interpretar uma obra de arte não ocidental a partir de uma perspectiva ocidental, pode acarretar em uma série de problemas de compreensão, algo subjetivo e que está associado ao contexto do observador, gerando uma série de possibilidades (GUIDON, 1984b). A diversidade de interpretações tem como efeito não a busca de uma análise exclusiva, mas tende a complementar as já existentes com sugestões que podem ser inéditas. Neste sentido, a sociologia do corpo pode trazer à tona olhares heterogêneos em relação ao mesmo objeto, e de forma igual, outros tratamentos tendem a opulentar as visões de um mesmo elemento analisado (LE BRETON, 2011).

Essas esculturas se espalharam por toda essa região, logo, tais representações poderiam destacar prováveis traços culturais e sexuais femininos (JUSTAMAND et al., 2021j). Sendo assim, como realizar esta interpretação dentro do campo da arte rupestre? A análise de grafismos com forma de um antropomorfo tem base na busca de elementos como cabeça, eixo da coluna vertebral, membros superiores e inferiores e uso de equipamentos manuais ou adereços. A partir dessas observações é possível identificar um traçado com formatação humana.

Entretanto, existem estatuetas que não demonstram com clareza a sexualidade, deixando a impressão de serem o que hoje se nomeia como andróginas (ADOVASIO; SOFFER; PAGE, 2009). Os artesãos ancestrais investiam nas suas qualidades técnicas para produzir imagens que tinham seus propósitos, obviamente, tanto nas representações de mulheres, quanto nas de androginia (ver figuras 07).

Sobre as produções de pinturas, estatuetas e esculturas, de modo geral como exemplo, no antigo Egito às características de representatividade das mulheres aparecem com sinuosas curvas, demarcando as dimensões de suas nádegas e cinturas com seus seios bem desenvolvidos (DOMÍNGUEZ-RODRIGO, 2011).

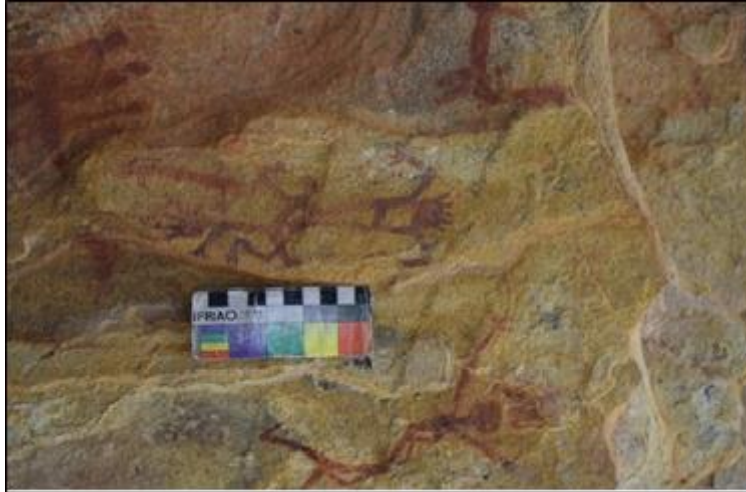


Figura 07 – Toca do Pinga do Boi. Cena do sexo com pessoas do mesmo gênero, supostamente, representações de duas mulheres. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

Timothy Taylor (1997) aponta que as artes rupestres contribuíam à ampliação da compreensão, e o reconhecimento e discussão sobre como eram as relações entre pessoas daquele período histórico. Indica que as representações das vulvas nas rochas, datadas de mais de 12 mil anos atrás, especialmente nas cavernas europeias, poderiam ter conotações eróticas e ou ritualísticas. Argumenta, ainda, sobre a existência de bastões “fálicos”, alguns com concepções nítidas de pênis – às vezes mais de um no mesmo objeto – esculpidos em sua maioria em marfim. Já a função destes objetos poderia ser para a inserção vaginal, oral, anal, entre outras (TAYLOR, 1997). Nas inscrições no parque brasileiro é possível observar tais conotações sexuais em seus desenhos nas rochas (JUSTAMAND et al, 2021g) (ver figura 08).



Figura 08 – Toca do Sítio do Meio. Cena de falos eretos e de homens com seus falos um de frente para o outro. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Acervo dos autores.

Por outro lado, não poderia existir uma crença de que a mulher deveria copular com mais de um indivíduo do grupo para que seus descendentes adquirissem as habilidades específicas de cada um deles? Dentro do universo das possibilidades da diversidade de interpretações que Le Breton (2011) aponta para alargar as concepções já existentes, seria vantajoso este pressuposto. Pois, se refletirmos sobre as adversidades encontradas pelos nossos ancestrais no momento da criação da pintura, ter habilidades diversas era a chave para continuidade do grupo social, o que indiretamente é corroborado por Gontijo e Schaan (2017).

Baseados nos vestígios deixados por humanos pretéritos, imaginamos que outras relações sociais/sexuais eram possíveis, diferente do que muitas pessoas pensam. Mas, afinal de contas, o que se idealiza sobre os costumes ancestrais? Se concebe que os nossos parentes mais antigos tinham práticas sexuais que poderiam ser consideradas, contemporaneamente, como comuns à maioria dos sujeitos no que tange as relações entre sexos opostos. Todavia, como visto, outras práticas sexuais que são variações da sexualidade humana, como a homossexualidade podem ser visualizadas. Outra questão que deve ser observada com cuidado analítico são as relações sexuais que envolvem crianças e animais, uma vez que as ciências contemporâneas classificam tais práticas correlacionadas a questões de ordem patológica. Desse modo, para esse último ponto, faz-se necessário um maior cuidado analítico para que sejam evitados anacronismos (COLLIG et al, 2019).

As cenas de sexo estão presentes nos três estilos da subtradição Várzea Grande. Isso demonstra, portanto, que a questão da sexualidade era uma temática com grande relevância nas sociedades pré-coloniais naquela região; inclusive, algumas imagens apontam a possibilidade de violência sexual, zoofilia e cenas de gravidez, tanto no estilo Serra da Capivara quanto no estilo Serra Branca (JUSTAMAND et al, 2021f).

De acordo com Prous (1992, p. 523):

O ‘complexo Serra Talhada’ substituiria aos poucos a variedade ‘Serra da Capivara’. As cores são o vermelho, o amarelo e o preto. As figuras são miniaturizadas (menos de 10 cm), os antropomorfos se agrupam em cenas de atuação coletiva, incluindo violência e sexo. Parece que teria hábito a uma certa evolução cronológica, por exemplo, uma tendência à miniaturização das figuras, mas há ainda pouco dados referentes à cronologia; as gravações parecem tão antigas quanto as pinturas, e correspondem ao mesmo estilo.

As particularidades da arte rupestre do PNSC consistem em ser o maior enclave de sítios do mundo. Trata-se de uma ocupação permanente de milhares de anos de um território com uma diversidade de temáticas impressionante, ressaltando dentre elas a sexualidade, em que a existência de relações sexuais recorrentes entre gêneros iguais e diferentes, de zoofilia (JUSTAMAND et al, 2021e) e as cenas de estupro ou violações sexuais (JUSTAMAND et al, 2019; JUSTAMAND et al, 2021a).

No decorrer das próximas linhas o texto faz um exercício de reflexão, dialogando com alguns trabalhos já publicados das cenas de amor, sexo e violência que tem origens no PNSC.

5 O QUE PROVÉM DO PARQUE? AMOR, SEXO E VIOLÊNCIA

Atualmente estão catalogados 1.335 sítios arqueológicos no local, 184 sítios com vestígios cerâmicos, 946 sítios de pinturas rupestres, 206 sítios de pinturas e gravuras e 80 sítios de gravuras (GUIDON, 2014 a, 2014 b; MARANCA, MARTIN, 2014). Sugere-se, que estes locais abrangem muito mais do que a catalogação e marcação de tamanhos e cores dessas imagens. Ao imaginar que nestas cenas estão contidas histórias a serem reveladas; histórias que têm importância para embasarem reflexões na atualidade (GUIDON, 2014 a, 2014 b), inclusive no que tange os processos de escolarização (GOMES FILHO e JUSTAMAND, 2018). Além disso, é de conhecimento que pesquisas anteriores já contemplaram temáticas próximas às que este estudo vem abordando. Por esse motivo estão elencadas algumas a seguir.

Gabriela Martin, uma das pesquisadoras mais antigas da FUMDHAM que tem acompanhado os trabalhos desde os anos 1970, já abordou a temática do

amor recriando um caminho metodológico para além da caracterização de tradição, subtradições e estilos. Publicou um dos primeiros trabalhos sobre as pinturas rupestres do parque tratando de amor, violência e solidariedade (MARTIN, 1984).

Estas pinturas rupestres do PNSC seriam referências no entendimento da sequência de ocupação humana no Nordeste naquela época. Estes nossos ancestrais deixaram marcas um tanto decifráveis nas rochas, algumas compondo cenas representativas das ações humanas. Dentre as cenas, pode-se encontrar figuras com cabeças ornadas, lutas sociais e grupais, e muitas vezes, aparecem o sexo com o gênero indicado pelo pênis para os homens – tanto ereto quanto em descanso –, e o círculo abaixo das pernas para indicar, no gênero feminino, as vulvas em alguns casos (PROUS, 2006; PESSIS, 2003).

A temática da sexualidade se tornou alvo de debates, mesmo que de forma branda, em poucos manuais e artigos, apesar de sua presença significativa nas inscrições do PNSC. As informações contidas nas produções rupestres, sejam nominadas de sinalizações, registros, ou outras, de tempos imemoriais, segundo Justamand et al. (2021c), contribuíam para as vidas cotidianas daquele tempo e podem apresentar sugestões para ponderar a sexualidade atual. No livro *Comunicar e Educar no território brasileiro: uma relação milenar*, a questão foi tratada de forma especial por Justamand (2012) ao comparar com as imagens de outras partes do país.

A investigação sobre a mesma temática teve outros desdobramentos publicados em revistas ou livros. Um deles foi *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*, onde Justamand (2007) expôs os gestuais rupestres com cenas de pedofilia, penetração, excitação masculina coletiva e sexo grupal. Outro desdobramento ocorreu com a publicação da temática relacionada aos falos eretos e em grupos (JUSTAMAND, 2010, 2011; JUSTAMAND et al., 2020a; JUSTAMAND e OLIVEIRA, 2021).

Alguns outros temas que se desdobraram e ganharam certa visibilidade são as presenças de falos, vulvas e sexo com mulheres grávidas. Estes se tornaram alvo de investimentos em pesquisas entre os anos de 2013 e 2015. Tais análises foram transformados em novas publicações (JUSTAMAND, 2014a; 2014b; 2015; JUSTAMAND e FUNARI, 2014; 2016; 2017; JUSTAMAND; FUNARI e ALARCÓN-JIMÉNEZ, 2016). Ademais, abordou-se em outros

trabalhos os papéis fundamentais das mulheres para as sociedades ancestrais do parque piauiense, como caçadas e outros afazeres que se imaginavam ser apenas de homens (BUCO et al, 2020).

Pessis (1999) e Martin (2014) publicaram novas reflexões e incluíram a discussão sobre a importância das artes rupestres para a história da arte brasileira. Em seus escritos atuais, lembram que muitas pinturas rupestres representam o movimento, ou seja, que nas cenas é possível notar a animação das reproduções. Indicam que há cenas de lutas, caças, muitos animais, danças e sexo. Sugerem que esses inscritos nas rochas são bem representados e com “interpretações”, onde pode ser notada a técnica, os traços leves e seguros (MARTIN, 1999; PESSIS e MARTIN, 2014).

A construção do conhecimento arqueológico está inserida dentro desse contexto acadêmico; o substrato dos arqueólogos na leitura de um passado é a cultura material. A partir da análise da cultura material em forma de vestígios e fatos arqueológicos, é possível conhecer o modo de vida dos grupos humanos do passado e do presente (HODDER, 1994).

A principal dificuldade de analisar as obras de artes pré-históricas é tentar compreender o seu significado dentro de um contexto arqueológico. A perspectiva estética pode fornecer informações acerca de seu designer e formatação, mas apenas pelo uso da semiótica podemos buscar uma interpretação e denotar um valor ou significado (LAYTON, 2001a).

A compreensão dos dados arqueológicos das sociedades pré-coloniais está associada à antropologia pré-histórica, que permite a investigação da estrutura política, econômica, cultural e social de uma sociedade. A arqueologia é uma ponte entre o presente e o passado (SHANKS e TILLEY, 1988, p.23-24). Esta narrativa arqueológica do passado pode ser alterada a partir de dois fatores, como: as novas evidências arqueológicas descobertas e; as modificações na estrutura política (UCKO, 2005).

6 A PERCEPÇÃO DA ETNIA INDÍGENA XAVANTE SOBRE AS ARTES RUPESTRES

Os registros dos nossos povos desde os tempos remotos é uma incógnita à sociedade científica etiológica atual e provavelmente futura. Os nossos avós e

toda nossa geração que nos antecedeu, deixaram um conhecimento que tradicionalmente é passado de geração em geração. Até a década de 40 do século XX vivíamos completamente isolados, e o primeiro contato se deu em 1946 por intermédio do nosso grande líder Xavante e avô “Apowê ou Apoena com o sertanista Francisco Meireles, enviado em missão de paz pelo presidente na época “Getúlio Vargas”, por intermédio do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Desse modo, fomos divididos em duas gerações: ante – contato (totalmente isolados do homem não indígena) e pós – contato (depois do contato com o homem não indígena).

No dia 03 de janeiro de 1950, o jornal A Noite Ilustrada da Capital Federal, no suplemento da Secção de Retrogravura em sua edição nº 01088, estampa na primeira página a matéria “Paz nos Xavantes!” (Imagem 1). A reportagem, com fotos do cinegrafista Nilo Veloso, documentou o momento da pacificação. Veloso (A NOITE, 1950, p. 7 e 14) afirma que:

Após tantos anos de sacrifícios na selva brasileira, entranhado nos hábitos característicos daquela região, pouca noção tenho da repercussão e importância do que acabaram os homens do S.P.I. de conquistar. [...] Incontestável, porém, é a satisfação imensa que nos empolga neste momento de ter podido fechar com chave de ouro, tantos anos de peregrinações pela mata, de noites sem dormir, enfim de fome e sede atravessados de busca daquele objetivo. [...] Prefiro antes referir-me, e com grande euforia, à sábia constituição moral dos povos Xavantes e, mais ainda, da sua inesquecível ternura e do seu incomensurável heroísmo. Insultados no sertão mato-grossense, impedindo-se dos contactos com outras tribos já mescladas pelos aventureiros brancos, o xavante, longe de atacar, graciosamente manteve-se sempre altivo e arredio a qualquer promiscuidade. [...] O Xavante, essa figura lendária de antropofagia e perversidade, surgiu-nos, finalmente, com a limpidez das criaturas simples e sedimentadas pelo sacrifício permanente a que obriga a vida na selva. Na certeza dos nossos intentos pacíficos tornaram-se amáveis e não esconderam a satisfação de poder confraternizar conosco.



Imagem 1. Matéria do Jornal A Noite Ilustrada com o líder Apoena, a Sra. Abigail Meirelles e uma criança branca no Posto de Atração Pimentel Barbosa
Fonte. Reina paz ..., 1950, p. 03.

Com estas palavras sábias, Veloso retratou o momento de pacificação que o Sertanista Francisco Meirelles, com habilidade e pacientemente, costurou entre os donos da terra e os brancos. Nilo Veloso reporte cinematográfico eternizou este processo de armistício com as suas lentes, onde pode-se ver o grande patriarca Apoena na imagem 1 com a esposa do Sertanista Francisco Meirelles. Além das fotografias deste feito, A Noite apresenta o primeiro estudo do pedido elaborado pelo SPI ao Congresso Nacional para delimitar o território, exclusivamente da etnia Xavante.

Nós Xavantes pertencemos a nação “*A’uwê Uptabi*” (povo verdadeiro), localizados na região centro-oeste do país, precisamente no estado do Mato Grosso. Vivemos no Cerrado brasileiro e na Amazônia Legal, a qual cuidamos e protegemos. A nossa etnia contabiliza um total de 22 mil Xavantes em oito territórios homologados e reconhecidos pela União, os Territórios Indígenas (TI) denominados de Pimentel Barbosa, Parabubure, São Marcos, Chão Preto, Marechal Rondon, Areões, Marawaiwatsede e Wedeze. Estas oito extensões nascem de uma família tradicionalmente sagrada, a Pimentel Barbosa, TI este onde surgiu a nossa aldeia mãe com atualmente uma área de 330 mil hectares de terra. Estamos em constante aprendizado com o nosso mundo originário e o outro mundo *warazu* – mundo dos brancos ou não indígenas.

A sociedade Xavante é organizada e temos nosso próprio idioma, cultura e modo de vida. Somos da geração pós – contato, hoje temos acesso a modernidade por intermédio da tecnológica, da ciência e da informação por meio da Internet, da televisão e do contato com a cidade e as escolas inseridas em nossas comunidades os TI. Mas, percebemos que todo este contato trouxe mais malefícios que benefícios à nação Xavante, e influencia negativamente toda forma tradicional que vivemos conforme nossos antepassados, ao longo dos anos até os dias atuais. Desde a alimentação, a educação e a transmissão do conhecimento “*A’uwê Uptabi*” (povo verdadeiro).

Mas, ainda lutamos para preservar nossa cultura e conciliar com a sabedoria, numa constante dicotomia entre o conhecimento científico e empírico, a fim de fortalecer nossas causas e proteger e garantir a nossa posteridade. Uma parte da nossa geração ante – contato ainda está viva, neste caso, os nossos pais e tios que conviveram com o avô Apowê. É desse modo que a nossa geração adquiriu o conhecimento do tempo que ainda não vivíamos.

O tio Asawe Xavante, um dos filhos do nosso avô, nos conta como foi o tempo do isolamento em aspectos políticos, sociais, espirituais e culturais em nossa tradição *A’uwê*. Temos um conceito formado sobre as pinturas rupestres, elas também são motivos de estudos na Serra do Roncador que fica localizada em nosso TI Pimentel Barbosa em Mato Grosso. Estes desenhos (imagem 2) foram relatados pelo jornal A Noite de 3 de janeiro de 1950, na edição nº 13377, com chamada na capa, onde afirma: “Misteriosas inscrições na Serra do Roncador”. A reportagem relata as palavras de Nilo Veloso ao verbalizar que a parte que considerou mais intrigante da expedição:

[...] foi, sem dúvida, o encontro de várias inscrições abertas, em lugar inacessíveis, em pleno granito, num dos contrafortes do Roncador. São sinais medindo de uns 60 a 100 centímetros, de côr carminada, inscrições que os Xavantes, por nós perguntados, não souberam explicar satisfatoriamente, apesar de feitas em seu indevassável território (p. 9).



Imagem 2. Materia do Jornal A Noite.
Fonte. Mistériosas inscrições ..., 1950, p. 01.

Segundo o nosso avô Apowê, esses desenhos foram registros da comunicação dos ancestrais dos nossos povos que viviam um estilo de vida nômade, para retratar nossa cultura no dia a dia para aqueles que por ali também transitavam. Nunca buscamos questionar de onde viemos, pois naturalmente temos uma comunhão com *Hoimauô* – Deus – e o seu espírito – em nossa cultura é a força cósmica. Por esse motivo consideramos que ele nos criou e não somos meros efeitos de uma explosão fundamentada na metafísica e nas filosofias de Charles Darwin com sua teoria da adaptação das espécies. Acreditamos que somos criação de *Hoimauô* – Deus –, assim como toda natureza que ele criou e somos parte cosmológica dela, tornando-nos uma só.

Respeitamos e aceitamos a ciência como epistemologia de estudo e pesquisa da existência humana física, biológica e cultural, mas entendemos que a ciência muitas vezes mistifica e complica o simples, e não aceita e fecha os

olhos ao óbvio. Gananciosa e insaciável, por esse motivo para ela o axiomático nunca será o bastante.

Esses grafismos se assemelham entre si em diversas cronologias e civilizações, mesmo vivendo isolados e privados daquilo que a ciência reconheceu e registrou como verdade absoluta e totalitária, e, por diversas vezes caiu em contradições, pois a natureza e tudo que nela está inserida, vive em constantes mutações sofridas por aspectos climáticos causados pela própria interferência humana. Mas, a mãe natureza não interferiu ou interfere em nossa genética como espécie humana, pois cada um de nós temos nosso próprio DNA, o que nos torna um ser humano único, até os irmãos gêmeos têm essas distinções entre si.

Em nossa concepção, esses desenhos que ainda codificam a nossa sexualidade não implicam em nenhuma anormalidade do que nossos ancestrais viveram. O sexo para nosso povo e cultura sempre foi praticado de forma natural e como principal elo da procriação de vida, antes do contato com os *warazu*. Para nós nunca existiu pecado em nossas práticas sexuais. A dimensão e conotação da perversão surgiu a partir do contato com o homem não indígena.

Esses mesmos nos trouxeram a consciência do profano à luz da “Bíblia Sagrada”. A partir da introdução da Igreja “Católica Apostólica Romana” com as missões jesuítas e salesianos em nossos territórios, e posteriormente, as dos protestantes foi que passamos então a entender e conhecer a Deus de uma forma diferente. E, o nosso paraíso que outrora era a nossa própria terra, passou a ser no céu celestial. Não invalidamos ou confrontamos a bíblia sagrada, nos dias atuais muitos dos nossos irmãos se converteram nas religiões católica e evangélica, após as missões salesianas e protestantes atuarem em nossos territórios.

Em nossa organização social e civil, às moças são incentivadas a se casarem logo cedo, na faixa etária entre 15 a 18 anos, para evitarem o ato sexual e automaticamente engravidar, se tornando mães solteira. Essas uniões geralmente são arranjadas pelos pais por motivos de fortalecimentos políticos.

Significamos uma etnia patriarcal dividida em dois clãs que são: *Owawe* – água – e *Porezeano* – gerino –, essa é uma forma que criamos para evitarmos incesto e fortalecermos nossos relacionamentos políticos, já que dentro da nossa

tradição não é permitido casarmos com pessoas do mesmo clã, outra etnia ou não indígenas.

Não aceitamos a inversão dos nossos valores étnicos e a descaracterização ou desrespeito a nossa cultura ancestral que deve continuar sendo passada de geração a geração. Consistimos em um povo livre em toda nossa forma de ser, mas temos uma conduta que não aprova a união de pessoas do mesmo sexo, porque esta união não é um costume do nosso povo nos dias atuais e não temos a total certeza que foram em tempos passados. Contudo, um número pequeno de nossos jovens, da nova geração, tem expressando a sexualidade como uma condição de vida, mas são casos raros e atípicos, pois a mesma é considerada uma desonra com a nossa cultura, e, essa ausência de apoio acaba levando-os ao suicídio ou saída da aldeia.

7 PARA DOER MENOS

O corpo fala, independente do momento pretérito que se deseja interpretar e das influências das díspares culturais, sociais ou temporais do sujeito que analisa à corporeidade, esta silhueta é recheada de sentidos e significados. Uma semântica corporal que vem desde nossos ancestrais até o presente.

Resta saber qual o desejo pretendido a ser expressado, por esta forma biológica e complexa que é o *Homo sapien* em continua interação com o meio ambiente que o cerca. Como verbaliza Le Breton:

[...] atividades perceptivas, mas também expressão de sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (2011, p. 7).

À vista do exposto no decorrer deste artigo, e acompanhando as reflexões de Le Breton, entende-se que para perceber e apropriar-se de um determinado sentido explícito da corporeidade é fundamental que o interprete tenha pertencimento ao acervo cultural e social do grupo analisado, visto que o corpo é um dispositivo metaforizado deste conjunto de subjetividades. Ao partir desta premissa, a sociologia do corpo, no recorte desta investigação sobre sexualidade, está em constate construção a partir de um repertório de publicações de pesquisadores de distintas nacionalidades e formações das mais

variadas. E, neste texto, especificamente, as contribuições pluridisciplinares nas áreas de atuação dos autores – pedagogia, semiótica, antropologia, arqueologia, cultura, história, educação física, geografia e jornalismo – refletem os caminhos percorridos e as escolhas dos pesquisadores, dentro do tempo presente da investigação. Entretanto, deve-se ter como norte o/a leitor (a) deste manuscrito, que caminha para sua conclusão, que não se pretende findar as análises do tema ao considerar a complexidade da corporeidade.

Não obstante, a investigação do inventário social no tempo passado é um exercício árduo, mas que pode ser realizado, mesmo que este objeto não se configure na contemporaneidade. Ao inferir sobre as cenas é propício admitir que aceitando poderá doer menos.

8 DERRADEIRAS LETRAS

O posicionamento dos autores deste trabalho tem como diferencial juntar as temáticas sociais e/ou da sexualidade presentes nas cenas rupestre numa mesma exposição de sequência de interpretações e análises. É pertinente salientar que a complexidade deste exame não se esgota aqui, além de ter ciência de outras publicações existentes que abordam estes contextos sobre as cenas existentes no PNSC. Portanto, este texto é um ensaio que visa colaborar com a totalidade de informações e conhecimentos que o tema provém.

Todavia, é oportuno ressaltar a quem se debruçar nos demais estudos já publicados ao longo dos dois últimos anos, sendo estes indicados para uma maior compreensão dos desdobramentos da expedição. O texto aqui presente é um apontamento para quem ler tenha uma ideia, mesmo que fragmentada, do universo afetivo social e sexual pintado nas rochas do PNSC. Produções que foram ali registradas e que podem atingir mais de 10 mil anos (PESSIS; CISNEIROS; MUTZENBERG, 2013), e que muito ainda há para ser descoberto, analisado e apresentado à sociedade como um todo.

Nesses escritos, a preocupação foi apresentar um aperitivo das cenas rupestres com a temática da sexualidade e/ou social do que está à disposição nas rochas do PNSC. Afora a ciência de muitas outras cenas e temas a serem abordadas, sem esquecer, evidentemente, outras tantas que existem. Muitas

observações ainda devem ser realizadas junto às marcas registradas nas rochas por nossos parentes ancestrais.

Ao considerar como certo que nossos ancestrais, ao registrarem práticas sexuais e/ou sociais variadas em suas artes, demonstram que lidavam, ao que nos parece, com muita naturalidade com sua corporeidade e com os seus afetos, por mais diferentes e diversos ao olhar contemporâneo e naquele período que fossem esses desejos e ações sexuais. Mais do que tudo, a sexualidade, em todas as suas variantes não era reprimida ou escondida, ao que nos faz indicar pelas cenas, afinal, as pinturas rupestres estavam ali para todos verem e todos tinham acesso livre. Esta perspectiva dos nossos ancestrais de lidar com o diferente tem muito a ensinar a todos nós, e mais ainda aos nossos governantes na atualidade.

Neste viés, ao considerarmos que as rochas serviam de “lousa” e as pinturas rupestres como formas de transmissão de conhecimentos para as gerações futuras, podemos concluir que as representações das práticas sexuais possuíam um valor simbólico para a educação da sociedade primitiva, e, dentro dessa lógica, o que parece ser imagens obscenas, na verdade, eram formas de discutir as relações afetivas, transmitir conhecimentos, e, portanto, educar o grupo (JUSTAMAND, 2010).

As cenas apresentadas pelas pessoas artistas daquele período materializavam de forma imagética seus cotidianos e momentos especiais. A comunicação por meio das imagens gera um valor simbólico de eternizar existências e possibilitar aproximar quem olha, na atualidade, a ambientação social demonstrada nas pinturas naquele tempo remoto. Assim, foi possível compreender o controle de técnica a partir do dimensionamento, perspectiva das figuras e as particularidades que cada pintura transpassa numa ideia de simples estilizações para compor uma história visual.

A plasticidade de cada cena incorpora a singularidade das idealizações que queriam comunicar minimamente pela dimensão e forma. Compreender exatamente o objetivo das imagens torna-se extremamente complexo, mas o aprofundar das possibilidades consegue nos aproximar de novos rumos ao interpretar o quadro, seja em como delimitam o espaço, ao incluir as figuras diversas, as curvas que sinalizam a mecânica do corpo e as repetições de estilizações criando padrões artísticos. Todas essas características na pintura

rupestre indicam como a arte estava inteiramente ligada à humanidade desde os primórdios.

É adequado lembrar, finalmente, que os sítios arqueológicos do PNSC costumam ser abertos, em sua maioria, de fácil acesso, bem sinalizados, principalmente àqueles que se destinam à visita turística, além da obrigatoriedade de ser acompanhado por um condutor de visitantes credenciado na unidade, o que possibilita uma vantagem maior ao turista pela qualidade das informações repassadas por este profissional. Outro aspecto a ser destacado é a praticidade de acesso aos sítios, não necessitando de esforços especiais para realizar as visitas, afora alguns já preparados para a acessibilidade de portadores de deficiência física. Sugere-se, dessa forma, que visitem o parque. Conheçam mais! O turismo arqueológico é uma das formas de ampliar, amplificar e revigorar nossas relações com os povos ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOVASIO, James M. e PAGE, Jake. **Os primeiros americanos**. Em busca do maior mistério de arqueologia. Em busca do maior mistério da arqueologia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ADOVASIO, James M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. **Sexo invisível**. O verdadeiro papel da mulher na pré-história. Rio de Janeiro: Record 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: A arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. São Paulo: Edusc, 2011.

ALMEIDA, V. J. R.; JUSTAMANDA, MICHEL. O Parque Nacional Serra da Capivara e os impactos estruturais na cidade de São Raimundo Nonato – PI. SOMANLU – **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 2, p 1-22, 2021.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: A arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. São Paulo: Edusc, 2011.

ALMEIDA, V. J. R.; JUSTAMAND, Michel. O Parque Nacional Serra da Capivara e os impactos estruturais na cidade de São Raimundo Nonato – PI. SOMANLU – **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 2, p. 1-22, 2021.

ALMEIDA, V. J. R.; JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, G. F. O Parque Nacional Serra da Capivara e os seus subsídios para o desenvolvimento do planejamento insurgente na cidade de São Raimundo Nonato – PI. SOMANLU – **Revista de Estudos Amazônicos**, v.21, p.198-218, 2021.

BLANC, Claudio. **Uma breve história do sexo.** Fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras. São Paulo: Gaia, 2010.

BOAS, F. **A formação da antropologia americana, 1883-1991:** Antropologia. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora: UFRJ, 2004.

BOAS, Franz. **Arte Primitiva. Petrópolis:** Editora Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Estabelece normas e procedimentos para o exercício da atividade de condução de visitantes em unidades de conservação federais. Instrução normativa nº2, Brasília, DF, 3 de maio, 2016.

BRASIL. **Ministério do Turismo. Ecoturismo:** orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Política de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010.

[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO .pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO.pdf)

BUCO, C. A.; OLIVEIRA, G. F.; JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, V. J. R.; GOMES FILHO, A. S.; BERLAMINO, V. S. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, BRASIL. **Revista Memória em Rede**, v. 12, p. 245-273, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

CHILD, G. **Para uma recuperação do passado.** São Paulo: DIESEL, 1976.

COLINGWOOD, Robin G. **Ciência e Filosofia:** a ideia de natureza. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

COLLING, Leandro; JUSTAMAND, Michel; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. **Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. IMPRESSO)**, v. 32, p. 24-41, 2019.

COTES, Marcial; ERLER, Daiany Mara; SHIAVETTI, Alexandre; NASCIMENTO, Juarez Vieira. **O legado de Niède Guidon no seminário brasileiro:** a percepção de condutores de visitantes do Parque Nacional Serra da Capivara. *Antípoda – Revista de Antropología y Arqueología*, v. 1, p. 179-204, 2021.

COTES, Marcial; ALVAREGA, Ana Maria; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Attitudinal, conceptual and procedural dimensions of the knowledge of trail guides in national parks. **Motriz**, v. 26, p. 1-6, 2020.

COTES, Marcial; SALLES, Willian das Neves; IHA, Tyná; SCHIAVETTI, Alexandre; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Perfil sociodemográfico, acadêmico e

profissional de condutores de trilhas de longa duração em parques nacionais brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência e Momento**, v. 26, p. 167-177-177, 2018.

COTES, Marcial; SALLES, William das Neves; TOZETTO, Vinicius Bobato; SHIAVETTI, Alexandre; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Aprendizagem formal, não formal e informal: como condutores de dois Parques Nacionais estabelecem seu tirocínio. **Movimento**, v. 23, p. 1381-1294, 2017.

DOMÍNGUES-RODRIGO, Manuel. **El origen de la atracción sexual humana**. **Madrid**: Akal, 2011.

DUBAL, Leo. The art representation of sexual intercourse. **Revista Expression**, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março/2017, pp. 14-18.

EISLER, Riane. **O prazer sagrado**. Sexo, mito e política do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, pp. 121-141, dez; fev, 1999-2000.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; COLLING, Leandro; JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel Frechiane; BERLAMINO, Vanessa da Silva; SANTOS FILHO, Mário R. Nossos ancestrais praticavam sexo? Diversidade sexual nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, Brasil. **Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos**, v. 18, p. 1-13, 2018.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; JUSTAMAND, Michel. Registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí: breves reflexões sobre a pesquisa antropológica na educação e suas perspectivas interdisciplinares. **Ciência e Sustentabilidade – CeS, Juazeiro do Norte**, v. 4, n. 1, p. 39-56, jan/jun, 2018.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise Pahl. Sexualidade e Teoria Queer. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 51-70, dez. 2017. ISSN 1982-1999.

GUIDON, Niède. A Fundação Museu Homem Americano e o Parque Nacional Serra da Capivara: um relato sucinto de quatro décadas de pesquisas. In: PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela. Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: **A&A Comunicação**, 2014 a, vol. A, p.26-44.

GUIDON, Niède. Arte Rupestre: Uma síntese do procedimento de pesquisa. Arquivos do Museu de História Natural. **Belo Horizonte: UFMG**, v. 6-7, p.341-352, 1984 b.

GUIDON, Niède. O Pleistoceno Superior e Holoceno Antigo no Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno: as ocupações humanas. In: PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela. Os Biomas e as Sociedades

Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: **A&A Comunicação**, 2014 b, vol. II-B, p.444-452.

GUIDON, Niède. **Peinturespréhistoriques deu Brésil: l'art rupestre du Paiuí**. Paris: EditionsRecherches sur les civilisations, 1991.

JARVIS, P. Learning to be a person – East and West. **Comparative Education**, v. 49, n, 1, p. 4-15, 2013.

JARVIS, P. Aprendizagem Humana: implícita. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 809-825, 2015.

JUSTAMAND, M. O Brasil desconhecido, as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato têm muito a revelar. SOMANLU: **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 19, p. 04-24, 2019.

JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. Representações da sexualidade e dos fatos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí muito antes de 1500. **Revista Sodebrás**, vol. 9 - N° 99 – março/2014, pp. 53-56.

JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. Representação das genitálias femininos e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara, PI, Brasil. **Revista Anuário de Arqueologia**, Rosário, vol. 8, n. 8, 2016, pp. 29-44.

JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. Sexual Scenes in Serra da Capivara Rock Art, Brazil. **Revista Expression**, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março/2017, pp. 26-35.

JUSTAMAND, Michel. **A mulher rupestre**. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2014b.

JUSTAMAND, Michel. As rochas de livres prazeres. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 199, outubro de 2014a.

JUSTAMAND, Michel. **Comunicar e Educar no território brasileiro: uma relação milenar**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

JUSTAMAND, Michel. **Corpos em evidência: cenas corpóreas antropomorfas rupestres em São Raimundo Nonato (PI)**. Revista Cordis. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul./dez. 2011, pp. 219-245.

JUSTAMAND, Michel. **O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

JUSTAMAND, Michel. Representações das genitálias (falos e vulvas) nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí, Brasil). ANAIS do XXVI Valcamonica Symposium. Prospects for the prehistoric art research. 50

years since the founding of Centro Camuno. Capo di Ponte. I **Edizionemultilingua**, ago/set, 2015, pp. 147-152.

JUSTAMAND, MICHEL; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, G. F.; GOMES FILHO, A. S.; BELARMINO, V. S.; PAIVA, L.; LUZ, G. N.; OLIVEIRA, M. F. A presença de possíveis relações homoafetivas na arte rupestre do Parque Nacional Serra da Capivara/PI, BRASIL. **Revista de História da Arte e da Cultura**, v. 2, p. 79-99, 2021a.

JUSTAMAND, MICHEL; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, G. F.; PAIVA, L. Uma breve introdução à discussão sobre as pinturas rupestres brasileiras. **Studies in Education Sciences**, v. 1, p. 28-45, 2020a.

JUSTAMAND, MICHEL; BALBINO, A. C. A.; BELARMINO, V. S.; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, G. F.; OLIVEIRA, M. F. PrehistoricSexuality in the Rock Art of Serra da Capivara (PNSC/PI), Brazil. **Revista EXPRESSION** quaterly e-journal of atelier incooperation with uispp-cisnep international scientific commission on the intellectual and spiritual expressions of non-literatepeoples, v. 34, p. 32-47, 2021b.

JUSTAMAND, MICHEL; BALBINO, A. C. A.; OLIVEIRA, G. F.; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, M. F.; BELARMINO, V.S. Novas notas sobre formas da sexualidade ancestral nas rochas do parque nacional Serra da Capivara - PNSC/PI. **STUDIES IN SOCIAL SCIENCES REVIEW**, v. 2, p. 115-129, 2021c.

JUSTAMAND, MICHEL; BUCO, C. A.; ALMEIDA, V. J. R.; GOMES FILHO, A. S.; QUEIROZ, A. N.; OLIVEIRA, G. F.; OLIVEIRA, M. F.; PAIVA, L. Rock art representation sand possible zoofilia the mesat Serra da Capivara National Park, Piauí, Brazil: a case study. **Revista EXPRESSION** quaterly e-journal of atelier in cooperation with uispp-cisnepinternational scientific commission on the intellectual and spiritual expressions of non-literate peoples, v. 1, p. 34-41, 2021d.

JUSTAMAND, MICHEL; BUCO, C. A.; ALMEIDA, V. J. R.; GOMES FILHO, A. S.; QUEIROZ, A. N.; OLIVEIRA, G. F.; OLIVEIRA, M. F.; PAIVA, L. Las representaciones rupestres y la posible temática de la zoofilia en el parque nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil: un estudio de caso. **STUDIES IN SOCIAL SCIENCES REVIEW**, v. 2, p. 35-51, 2021e.

JUSTAMAND, Michel; BUCO, C. A.; GOMES FILHO, A. S.; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, G. F.; QUEIROZ, A. N.; OLIVEIRA, M. F.; PAIVA, L. As representações rupestres e a possível temática zoofilica no Parque Nacional Serra da Capivara – PI/Brasil: um estudo de caso. **Revista Anuario de Arqueología**, v. 13, p. 65-71, 2021f.

JUSTAMAND, Michel; COLLING, Leandro; OLIVEIRA, Gabriel Frechiane; GOMES FILHO, Antoniel S.; BELARMINO, Vanessa da Silva. Representações de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí. **Revista Nordestina de História do Brasil**, v. 1, p. 92-105, 2019.

JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Paulo A. e ALÁRCON-JIMÉNEZ, Andrés. Arqueologia, turismo e história e o Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC/PI. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, Icó-Ceará, v.1, n.1, pp. 01 – 15, jan/abr., 2018.

JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Paulo A. e ALÁRCON-JIMÉNEZ, Andrés. **Arqueologia da Sexualidade**. Representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F. Os falos nas pinturas rupestres do parque nacional Serra da Capivara/PNSC-PI/Brasil. **Revista Brazilian Journal of Development**, v. 7, p. 50576-50596, 2021.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; ALMEIDA, V. J. R.; SANTOS JUNIOR, V.; QUEIROZ, A. N.; BELARMINO, V. S.; GOMES FILHO, A. S. Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. **Revista Memória em Rede**, v. 12, p. 274-297, 2020b.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; GOMES FILHO, A. S. As principais teorias explicativas acerca da arte rupestre: um estudo de caso. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, v. 3, p. 993-1012, 2020.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; LUZ, G. N; SOUZA, M. L. L. H. A.; SOARES, F. S.; ALMEIDA, V. J. R.; GOMES FILHO, A. S.; BELARMINO, V. S. Novos apontamentos sobre as representações da sexualidade nos registros rupestres no Parque Nacional Serra Da Capivara – PI, Brasil: um estudo. **Revista Latin American Journal of Development**, v. 3, p.979-993, 2021g.

JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel Frenchiane; GOMES FILHO, Antoniel S. **As principais teorias explicativas acerca da arte rupestre**: um estudo de caso. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, v. 3, p. 993-1012, 2020.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, GABRIEL FRENCHIANI DE; FUNARI, PEDRO PAULO A.; QUEIROZ, ALBÉRICONOGUEIRA DE; SANTOS, VALDECI DOS; GOMES, ANTONIEL DOS SANTOS; ALMEIDA, VITOR JOSÉ RAMPANELI DE; SILVA, VANESSA BELARMINO DA. Multiplicidade sexual nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI (Brasil). **SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos**, v. 20, p. 71-92, 2020c.

JUSTAMAND, M.; QUEIROZ, A. N.; OLIVEIRA, G. F. As representações rupestres de biomorfos no Parque Nacional Serra da Capivara – PI: um estudo de caso. **Revista Nordestina de História do Brasil**, v. 2, p. 104-121, 2020.

JUSTAMAND, M.; SANTOS JUNIOR, W. R.; OLIVEIRA, G. F.; ALMEIDA, V. J. R.; GOMES FILHO, A. S.; OLIVEIRA, M. F.; BELARMINO, V. S.; VILELLA, L. Sexualidade ancestral no parque nacional Serra Da Capivara - PNSC/PI – Brasil. **Revista Latin American Journal of Development**, v. 3, p. 1856-1890, 2021h.

JUSTAMAND, M.; SANTOS JUNIOR, W. R.; OLIVEIRA, G. F.; GOMES FILHO, A. S.; ALMEIDA, V. J. R.; OLIVEIRA, M. F.; BELARMINO, V. S.; VILELLA, L. O cotidiano ancestral e as representações sexuais rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC/PI – Brasil. **RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT**, v. 10, p. e43610817095, 2021i.

JUSTAMAND, M.; BALBINO, Ana Cristina Alves; OLIVEIRA, G. F. de; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de; CALDEIRAS, Ana; RABELLO, Gabriela. O feminino ancestral e sua potência no Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC. **AMBIVALÊNCIAS – Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder** – UFS. V.9 • N.18 • p. 16 – 45 • Jul-Dez/2021.

LAYTON, R. **Antropologia da Arte**. Lisboa: Edições 70, 2001a.

LAYTON, R. **Introdução à Teoria em Antropologia**. Lisboa: Edições 70, 2001b.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ, 5 ed.: Vozes, 2011.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Vol. 1. Da pré-história à renascença. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MARTINS, Adriana Maria Ferreira. **Parque Nacional Serra da Capivara: Patrimônio Cultural da Humanidade**. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011. <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9309>

MARTIN, Gabriela. **Amor, Violência e Solidariedade no Testemunho de Arte Rupestre Brasileira**. CLIO Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, n. 6, 1984, p. 27-. 37.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do nordeste do Brasil**. Recife: EdUFPE, 1999.

MELTZER, David; ADVOVASIO, James M.; DILLEHAY, Tom D. Uma visão da Toca do Boqueirão da Pedra Furada. In: Fundamentos - **Revista da Fundação do Museu do Homem Americano**. São Raimundo. Vol 1, nº 1, p.347-377, 1996.

MISTERIOSAS inscrições na Serra do Roncador. A Noite, Rio de Janeiro, n. 13377, p. 1 e 9, 03 jan. 1950.

MYKHAILOVA, Natalia. Sex as transition between worlds in deer hunting society (mythology and rock art). **Revista Expression**, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março/2017, pp. 58-68.

PAZ nos Xavantes! A Noite Ilustrada, Rio de Janeiro, nº 01088, p. 1, 3, 4, 5, 6 e 7, 03 jan. 1950.

PESSIS, Anne-Marie e MARTIN, Gabriela. **Arte pré-histórica do Brasil: da técnica ao objeto.** In: BARCINSKI, Fabiana (org.). Sobre a arte brasileira. Da pré-história aos anos 1960. São Paulo: Martins Fontes e Edições SESC, 2014.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História.** São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2003.

PESSIS, Anne-Marie; CISNEIROS, Daniela; MUTZENBERG, Demétrio. Identidades gráficas na arte rupestre: Parque Nacional Serra da Capivara. In: Albuquerque, Marleide Lins; Borges, Sírnia Emerenciana Nepomuceno (orgs.). **Identidades e diversidade cultural: Patrimônio arqueológico e antropológico do Piauí – Brasil e do Alto Ribatejo – Portugal – Coletânea.** Teresina: FUNDAC – CEIPHAR/ ITM, 2013, p.19-33.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros.** A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

QUEIROZ, Albérico N.; PEREIRA, A. M. R.; OLIVEIRA, Gabriel F.; JUSTAMAND, Michel; SANTOS JUNIOR, Valdeci; ALMEIDA, Vitor J. R. O pampatherium SP, nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, BRASIL. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, v. 3, p. 1013-1023, 2020.

RIBAS, Liz Cristina Camargo; HICKENBICK, Claudia. **O Papel de Condutores Ambientais Locais e de Cursos de Capacitação no Ecodesenvolvimento Turístico e as Expectativas Sociais no Sul do Brasil.** Turismo em Análise, v.23, n.1, p. 143-165, 2012.

SHANKS, M. TILLEY, C. **Social Theory and Archaeology.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice.** Londres: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1992.

STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade.** São Paulo: Contexto, 2010.

TAYLOR, Timothy. **A pré-história do Sexo.** Quatro milhões de anos de cultura sexual. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

UCKO, P. **Introduction.** UCKO, P. (ed) Theory in Archaeology: A World Perspective. Londres, Routledge. Londres, Routledge, p.1-24, 2005.

WHEELER, M. **Arqueología del campo.** Fondo de Cultura Económica. Ciudad México, 1961.